

PROJETO
PALAVRAS TROCADAS

BREVE RELATO DE PESQUISA
ASSOCIADA AO TEXTO DRAMÁTÚRGICO **DILATAÇÃO**



CURITIBA, 2022

Apoio:



Incentivo:



CURITIBA

PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA –
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

BREVE RELATO DE PESQUISA ASSOCIADA AO TEXTO DRAMATÚRGICO *DILATAÇÃO*

Joanita Ramos¹

Este é um relato sobre a associação entre uma rápida pesquisa envolvendo leitores e teorias da leitura e da recepção, e o processo de escrita de um texto dramático, no âmbito do Projeto Palavras Trocadas: escrita e recepção, realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

O objetivo da pesquisa era ampliar, no âmbito da dramaturgia, a compreensão da relação entre leitores, autora e o texto em construção. Para que essa compreensão – neste caso – seja possível, expõem-se primeiramente os elementos básicos do texto e as estratégias de pesquisa adotadas, partindo-se, em seguida, para a fundamentação teórica e o estabelecimento de relações entre as teorias e depoimentos e respostas dos leitores ao texto em processo.

O texto *Dilatação*, conforme apresentado aos participantes da pesquisa, seria composto do seguinte argumento: um pai, Caio – que não escolheu ser pai – está envolvido na tensão de espera por um difícil trabalho de parto de gêmeos ou gêmeas.

O sofrimento da mãe se prolonga por cerca de 15 horas. Enquanto dura essa angustiante situação, ele vivencia paralelamente um estado de pânico provocado pela responsabilidade de colocar duas crianças em um mundo não escolhido.

O interlocutor do personagem é um amigo, Rubens, que assume o antagonismo quanto à postura temerosa do pai. O amigo procura trazer uma visão mais "positiva" do mundo, mas revela-se que sua filha nunca mais voltou

¹ Escritora, jornalista e mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

para casa depois de uma ocasião em que ele esteve num prostíbulo de luxo e ela estava lá, como uma das “garotas de programa”.

O nascimento ou não das crianças (a depender das reflexões levantadas nos encontros) poderia ser – ou não – um "ponto de virada" na condição psicológica do protagonista, já que o final do texto estaria especialmente sujeito às manifestações dos receptores, suas histórias de vida e trocas de palavras na abordagem do tema.

Procedimentos metodológicos

Utilizou-se metodologia de pesquisa qualitativa, baseada na chamada Pesquisa Participante, em que os participantes são ao mesmo tempo pesquisados e pesquisadores, dividida em duas categorias: a) pesquisa de conteúdo temático, consistindo basicamente em análise de notícias de jornal e entrevistas com os pesquisados; b) pesquisa de criação e recepção, constituída de entrevistas em interação e individuais sobre a leitura do texto em processo, as quais foram associadas a certas teorias que ajudam a compreender o processo de leitura e a relação entre leitor, autor e texto.

A opção por utilizar diálogos e entrevistas em interação e individuais com integrantes do público-alvo como “ferramentas” de pesquisa visa propiciar uma significativa expressão do próprio público – com possibilidade de alterações na obra em construção, dentro de uma negociação de significados, e nos "horizontes de leituras", entre público e dramaturga/pesquisadora.

As estratégias de pesquisa foram assim organizadas:

a) levantamento parcial de notícias dos últimos 15 anos relacionadas a infância e juventude, com seleção daquelas consideradas mais impactantes para um personagem que teme colocar uma criança no mundo; e seleção de um trecho literário que abordasse a questão da responsabilidade de ter filhos em um mundo não escolhido, a serem usados como estímulo no encontro com pais;

b) um primeiro encontro *on-line* da autora com cinco homens, sendo eles quatro pais de diferentes perfis e situações, e um que se recusou à paternidade. Nesse encontro foi apresentado, de forma resumida, o material de pesquisa levantado (item “a”), como estímulo à conversa sobre paternidade e medos relacionados à vulnerabilidade de crianças e adolescentes na atualidade – sobretudo temores referentes à violência, misérias culturais e dificuldades dos próprios pais em lidar com a formação humana.

c) segundo encontro *on-line*, com leitura do texto dramático aberta ao público, seguida de diálogo em que o público novamente pôde assumir seu papel ativo, não apenas como "leitor/espectador", que frui e significa o texto, mas também como negociador de significados com a autora em voz alta e com a possibilidade de interferir no resultado final da obra.

Foram envolvidas 22 pessoas, sendo 12 participantes recrutados e 10 espontâneos, que se manifestaram nos encontros *on-line*. Os 12 recrutados eram de uma mesma classe social – a classe média –, de diferentes perfis, e tinham em comum o fato de serem potenciais espectadores de teatro. Desses, 06 homens e 02 mulheres participaram dos encontros *on-line*, e 03 homens e 01 mulher participaram de entrevistas individuais, dialogando sobre o tema e/ou o texto.

De um total de 218 visualizações no YouTube, 10 participantes manifestaram-se espontaneamente nos encontros *on-line*, dos quais 04 no primeiro encontro, mais voltado à temática; e 06 no segundo encontro, direcionado à audição e à avaliação do texto.

Aporte teórico e pesquisa

Tanto na literatura quanto na comunicação, as teorias têm atribuído ao leitor – incluindo-se nessa categoria o ouvinte e o espectador – as mais diversas posições hierárquicas, que vão desde o papel passivo de uma resposta supostamente determinada pelo emissor ou texto, até a do indivíduo que participa de uma espécie de jogo, na qual ambas as partes – emissor/texto e

receptor – oferecem a sua cota de elementos para uma negociação de significados.

A valorização do lugar do leitor de livros teve a contribuição de teóricos como Marcel Proust, Jean-Paul Sartre, Stanley Fish, Umberto Eco, e também de Roland Barthes, além de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, entre outros.

Tais teóricos compartilham a visão de que, por mais realista que seja, e por mais objetiva que seja sua estrutura, uma obra não se fecha em uma única possibilidade de concretização e só se completa com a interação do receptor.

O que se fez no Projeto Palavras Trocadas foi antecipar a interação com o leitor, chamando-o a participar mais ativamente da obra, oferecendo-lhe poder para influenciá-la não apenas quanto à sua significação, mas também quanto a sentido e conteúdo.

A essa iniciativa da autora, porém, alguns participantes atribuíram adjetivos como “generosidade” e “coragem” – indicando pelo avesso o que seria esperado de um autor: que não compartilhe com o leitor a construção do texto ou tenha medo – pois medo é o inverso de “coragem” – de expor um texto inacabado.

É possível que essa espécie de estranhamento ou surpresa diante da abertura de participação do leitor em um texto antes de sua conclusão esteja ligada, na literatura, ao desprezo teórico ou à submissão do receptor verificada no positivismo, no formalismo e no New Criticism. Quando não ignorado, nessas correntes, o leitor obriga-se a provar sua competência como leitor, buscando uma compreensão “objetiva” do texto, compartilhada uniformemente com todos os outros leitores.

Entretanto, Antoine Compagnon (1999) trata como “negação da leitura” posturas como de Ferdinand Brunetière e Gustave Lanson, afirmando a pretensão de interpretação “fiel” do texto, bem como a de Stéphane Mallarmé, que dizia acreditar que o texto se realiza sozinho, não pede a atuação do leitor.

Contudo, não podemos negar que também a autora ou o autor – por mais que se abra à mediação caracterizada pela participação antecipada dos leitores na obra, continua sujeita – ela própria – a outras mediações. Para que fique claro do que estamos tratando, quando falamos em mediações, recorreremos, entre os pesquisadores que se debruçam sobre o estudo das mediações, a Maria Immacolata Vassallo de LOPES (1996), que parece ter encontrado um dos modos mais simples de explicá-las e exemplificá-las, ao afirmar que

as mediações são os filtros por que passam quaisquer tipos de comunicação. Exemplificando: entre o fato ocorrido e o fato relatado há a mediação (os filtros) de quem faz um relato, que o faz a partir do seu ponto de vista, de sua cultura, de seus interesses. (LOPES, 1996, p. 43)

A relação direta do receptor com qualquer texto ou mensagem não existe sem mediação. Lopes (1996) apresenta dois pressupostos importantes na compreensão do que sejam – do ponto de vista desta pesquisa – recepção e mediação. Um deles é o de que o processo de recepção começa antes do uso do meio² pelo receptor e ultrapassa esse momento, o que ocorre, por exemplo, quando o receptor leva a grupos de pertencimento significados incorporados por ele em contato com o meio. (LOPES, 1996).

O segundo pressuposto é o de que os significados são *negociados* pelos receptores e apreendidos de maneiras diferentes, de acordo com diversas mediações. Assim, a mesma mensagem pode ter significados muito diferentes ao ser recebida por uma pessoa de origem pobre ou uma que nunca teve contato com a pobreza; um adolescente ou um idoso; um homem ou uma mulher, um homossexual ou um heterossexual; um trabalhador rural ou um profissional liberal etc.

Nas últimas décadas, junto com o olhar sobre as mediações, tem predominado a noção de receptor ativo, na qual este trabalho se apoia, propondo compreender o sujeito receptor, no seu papel de sujeito social, da mesma forma como Roseli A. Fígaro Paulino o considerou:

² Consideramos que, num diálogo sobre um texto, o “meio” pode ser entendido como o texto mais o próprio encontro/diálogo.

Entende-se sujeito social como um indivíduo singular, único, que se constitui inserido numa determinada época, num determinado espaço, num determinado conjunto de relações sociais, numa determinada época histórica, num determinado universo cultural. Ele é plural na medida em que se constitui da polifonia dos discursos que circulam a sociedade. E age polifonicamente. É um Ser ativo que produz sentido em relação ao mundo por ele vivido na filogênese e na ontogênese, ou seja, enquanto Ser resultado do processo histórico humano e enquanto processo do seu próprio tempo de vida. O sujeito não é um EU autônomo e autômato, livre no sentido de estar desligado do conjunto do que é a sociedade. O sujeito não é o EU, fonte absoluta de significação, capaz de tirar e criar de si mesmo todos os sentidos. (PAULINO, 2001, p. 33).

Quanto ao processo “histórico humano”, acima mencionado, podemos destacar, no caso da pesquisa em questão, sobretudo – mas não apenas – a mediação de gênero, e quanto ao “tempo de vida”, verificamos a importância dada pelos pesquisados a dois fatores: a identificação do “real” – expressão usada mais de uma vez pelos pesquisados, que parece estar ligada a verossimilhança – e, além disso, a busca de identificação com algum personagem ou situação.

A associação do texto dramaturgico com o “real” ocorreu desde a apresentação do argumento, quando um dos pesquisados, pai de dois pré-adolescentes, afirmou:

Essa cena que você tratou é uma cena real... Porque quando a médica colocou a Rosa [primeira filha] na minha mão [...] eu realmente perdi o chão. [...] É assustador.

Essa espécie de satisfação que o leitor parece encontrar quando identifica numa cena uma situação já vivida confirma a tese proustiana de que o objetivo do leitor é compreender a si mesmo, mais do que o livro (ou o texto, ainda que não seja um livro).

O mesmo ocorre quando o leitor encontra um personagem com características, pensamentos ou sentimentos semelhantes aos seus. Já no segundo encontro de pesquisa, em que se leu o texto em processo, verificaram-se frases como:

Me vi em alguns momentos inserido no conflito interno do personagem principal. [...] Mas não tão imaturo e sem posicionamento diante da situação.

Voltando ao primeiro encontro, sobre a temática e a apresentação do argumento, além da questão da verossimilhança, já mencionada, apenas a questão do gênero literário – “será comédia ou drama?” foi levantada. No mais, cada participante tratou de falar de si mesmo e de sua relação com a paternidade –relatando seu modo de atuar com crianças e jovens, seu relacionamento com seus filhos ou sua perspectiva filosófica a respeito da família, ligada à noção de dinheiro, de amor, de liberdade ou de propriedade – conforme visão de mundo de cada depoente. Não houve, a princípio, nenhuma sugestão espontânea nem qualquer iniciativa no sentido de busca por participar na criação do texto que estaria por vir.

Um dado interessante a respeito desse início de pesquisa, no primeiro encontro, que ocorreu *on-line*, foi a manifestação de três mulheres questionando os motivos por que a autora havia convidado somente homens como principais pesquisados.

Diante do argumento de que os personagens eram homens e havia a necessidade de ouvir os que estavam nesse “lugar de fala”, somado à pouca expressão dos homens a respeito de seus medos e angústias, surgiu o contra-argumento de que seria interessante colocar nos personagens homens uma visão da sensibilidade feminina. Ressalte-se que, a esse ponto, o texto ainda não estava escrito, havendo somente a exposição do argumento e a ideia de uma ou outra cena.

As manifestações pela inserção de vozes femininas na pesquisa foram acolhidas e resultaram na inclusão de duas mulheres, ao lado de dois homens, como participantes de pesquisa – e leitoras/leitores do texto – no segundo encontro. Entre elas, uma participante que será chamada de “A” e que, no primeiro encontro, havia reivindicado um lugar de expressão feminina no texto dramático a ser elaborado.

A expressão de A, no segundo encontro de pesquisa – quando o texto foi lido em sua forma bruta, sujeito a alterações –, foi contraposta por um leitor que participava da pesquisa pelo YouTube, o qual chamaremos de B.

Exemplificaremos a polêmica entre A e B com uma fala de cada um deles. Para A, mulher, o sentimento descrito foi de raiva dos dois personagens principais – referindo-se a Rubens, um personagem que tem como uma de suas características o voyeurismo e que, em determinada cena, vai a um prostíbulo e se depara com sua própria filha entre as garotas de programa; e Caio, personagem que entra em pânico no momento de sua namorada parir gêmeos e pede ajuda ao amigo para deixar o local e a situação, que lhe parece assustadora. Por sua vez, para B, homem, que em sua própria vida teve a atitude incomum, décadas atrás, de assumir sozinho a guarda de suas filhas após a separação, o texto:

Generalizou a visão estereotipada do homem calhorda, que eu acho que não representa a maioria.

Em sua opinião, a autora deveria: “Apenas tornar Rubens um pouco mais humano. Que ele de fato é, tanto que topa “assumir a paternidade”. Ele se refere à cena em que Rubens promete a Caio que “não faltará nada” às crianças que estão por nascer.

Na interação de pesquisa, A pede desculpas a B e enfatiza que “é isso” (o que está sendo tratado com “calhordice”, associado ao comportamento de *voyeur*) que as mulheres vivem “desde os oito anos de idade”.

Junta-se ao depoimento de A, no diálogo, o de outra mulher, professora, que identificaremos por C, contestando a afirmação de B, de que a autora “carregou nas tintas”. A participante C afirma que pais como os retratados no texto existem na realidade e que em seu cotidiano já viu casos de pais que vendem os filhos por pedras de craque, para servirem de “aviõezinhos” no tráfico de drogas.

Na contraposição de opiniões entre pesquisados, pudemos notar a importância da mediação de gênero e, ao mesmo tempo, a potência da leitura em voz alta para provocar o diálogo e a compreensão da visão do sexo oposto.

A questão da mediação de gênero relacionada à autora e à escrita também despertou o interesse dos pesquisados, manifesto em falas como estas:

“Achei interessante uma mulher escrevendo sobre homens, quando o mais comum é o contrário (enquanto mulher, estar escrevendo no lugar de homem)”.

“Geralmente [nós mulheres] interpretamos peças de homens que escrevem sobre e para mulheres. [...] difícil uma mulher tratando de assuntos dos homens, mas com uma preocupação básica deles”.

“Mulheres escrevem no lugar de mulher”.

“Gostei dessa lógica de uma mulher escrevendo para atores homens, sob a ótica deles, mas também com o feminino [...] geralmente mulheres interpretam textos escritos por homens, sob a ótica dos homens”.

Confirmamos, a partir do que expressaram os pesquisados, como, a partir de um mesmo conteúdo, se pode chegar a significações totalmente diversas, e a diferentes relações com a obra e a autora/o autor, dependendo de mediações de gênero, de contextos culturais e da história de vida de cada leitor, e do seu cotidiano. O cotidiano, aliás, foi muito valorizado pelas chamadas sociologias interpretativas, que incluem o interacionismo simbólico e a etnometodologia, desenvolvidos nos países anglo-saxões.

O interacionismo simbólico pode ser resumido nas três premissas que Herbert Blumer divulgou em 1969 (MATTELART, 1999). A primeira delas diz que as pessoas agem na relação com as coisas conforme a significação que dão a estas. A segunda afirma que essa significação surge a partir da interação social dos indivíduos. E a terceira afirma que significações são usadas e modificadas em um processo interpretativo feito pelo sujeito na relação com as coisas. (BLUMER, 1969, citado por MATTELART, 1999).

Cabe-nos abrir, a esta altura, parênteses para a diferenciação, em tempo, que Paul Ricoeur (1969, citado por JOUVE, 2002) faz entre *sentido* e *significação*,

referindo-se à leitura de obras literárias. Ao mencionar *sentido*, aquele autor designa o deciframento, a compreensão da leitura.

A significação é entendida por ele como o que vai mudar na existência do sujeito a partir da compreensão alcançada, numa noção aproximada daquilo que Barthes (1971, citado por JOUVE, 2002) explicou como *transmigração* do texto para a vida.

O leitor, portanto, extrairia de sua relação com o texto não apenas um sentido, mas uma significação. Contudo, nota-se também – pelo modo como os leitores mostram-se ávidos por uma relação entre si próprios e as personagens – que a vida de cada leitor também busca lugar no texto no momento que ele procura dar significação ao que lê.

Entre os responsáveis pela ascendência que o leitor vem conquistando sobre a leitura estão os Cultural Studies, nascidos décadas atrás, no Centro de Birmingham, na Grã-Bretanha. A partir das ideias de Raymond Williams – do Centro de Birmingham –, a cultura começa a ser encarada do ponto de vista antropológico, como “processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas; a literatura e a arte são apenas uma parte da comunicação social” (MATTELART, 1999, p. 106).

Nas últimas décadas (especialmente desde os anos 1980), entende-se que é o sujeito que *dá* significado às mensagens, que *produz* sentido, não apenas na literatura, mas também no processo de comunicação, envolvido por uma rede de mediações.

Desse modo, ao propor uma leitura seguida de um diálogo, que envolve uma troca de mensagens entre leitores sujeitos a diferentes mediações, como nesta pesquisa, tornamos mais complexo o processo de significações, pois, além das mediações a que estão sujeitos os próprios indivíduos, existe a mediação da comunicação que se estabelece entre os leitores no momento do diálogo.

Considere-se em um diálogo entre leitores não apenas que cada um é atravessado por diferentes mediações ligadas a gênero, cotidiano, à própria vida, mas também que cada um pode ser um tipo diferente de leitor.

Para Michel Picard, como relata Vincent Jouve (2002, p. 49), o que importa é o leitor real, deixando de lado todos os outros que as teorias propuseram: o “leitor modelo ou arquileitor”, o “leitor inscrito”, o “consumidor visado” etc. Esse leitor de carne e osso reage aos apelos psicológicos e ideológicos do texto, programados conscientemente ou não.

Picard, segundo Jouve (2002), identificou três instâncias do leitor – “ledor”, “lido” e “leitante”. Jouve, por seu turno, propôs uma adaptação desse modelo, desprezando o “ledor”, que é a instância física, o sujeito que segura o livro e lê e acrescentando o “lendo”, resultando na combinação “leitante”, “lido” e “lendo”. O “leitante” está na instância crítica, se interessa pela complexidade da obra.

É esse, o leitor leitante, que identificamos predominantemente nesta pesquisa. Aquele – ou aquela – que se preocupa com saber, por exemplo, “por que uma mulher escrevendo sobre homens, quando tantos homens escrevem sobre homens?”, e que, após a leitura do texto e no curso do diálogo, conclui a lógica dessa opção: “É uma mulher escrevendo para homens e mulheres [...] e a partir de uma cena cotidiana está trazendo várias críticas para homens e mulheres.” Essa versão se encaixaria como “leitante interpretando” na classificação de Jouve (2002).

Haveria outra versão, que seria a do “leitante brincando”, aquele que se diverte tentando adivinhar a estratégia do texto, ou a do leitor que, com o mesmo espírito, se entretém com a narrativa. É o caso de uma participante desta pesquisa, que propôs dar voz a um boneco de pano e que afirmou: “Fiquei tocada com as máscaras, a ficção, o amigo entrar no lugar do futuro pai e o receio de ser descoberto como o ‘não pai’”.

O “lendo” se envolve e “acredita” por um momento no que está sendo contado pela ficção ou toma como verdade inquestionável, retrato fiel e completo dos

fatos, o que lê, ouve ou assiste. Esse tipo de leitor costuma ser relacionado mais à leitura de noticiários do que de literatura. É o leitor esperado pela indústria de *fake news*, por exemplo. Não o identificamos nesta pesquisa.

O “lido” correspondente à satisfação de certas pulsões do inconsciente, por exemplo, o interesse por narrativas literárias ou notícias que envolvem violência ou a revelação de aspectos da vida privada dos personagens. Talvez a que mais se aproxima dessa categoria, na pesquisa em questão, seria uma participante que manifestou curiosidade a respeito dos motivos que no passado do personagem Caio o teriam levado à recusa da paternidade.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, lembramos que, ao diferenciar a interação social da interação possível entre texto e leitor, Wolfgang Iser (1999) destaca, entre outros tópicos, que nesta última não existe um padrão de referências ou uma situação comum e que, nessa ausência, formam-se as chamadas “lacunas”, ou seja, espaços que o próprio leitor tem de preencher com as suas referências e/ou a sua imaginação.

A leitura pode ter, como nominou M. Otten (1982, citado por JOUVE, 2002, p. 66), “espaços de certeza” e “espaços de incerteza”. Os primeiros correspondem aos pontos que sinalizam mais explicitamente, no texto, a intenção de um sentido global. Os “espaços de incerteza”, por sua vez, são aquelas passagens ambíguas que requerem maior participação do leitor.

Quando se reúnem leitores para uma interação entre si e com a autora, percebe-se que todos buscam “espaços de certeza”. Mas quando essa busca é feita a partir da compreensão de que cada um é atravessado por diversas mediações, o que se constata é um diferente tipo de leitor e um livre negociador de sentidos, as oportunidades de autoconhecimento se ampliam em relação a uma leitura individual.

Jouve, ao apontar Michel Charles como um dos primeiros pesquisadores a se interessarem pelos problemas de recepção na França, menciona que, em seu livro *Retóricas da leitura* (CHARLES, 1977, citado por JOUVE, 2002), esse autor procurou demonstrar que a leitura está inscrita no texto, que o jogo de interpretações sobre um texto só é possível na medida que o texto (que tem seu próprio jogo) permite.

Não se tratava, para Charles, de estudar as leituras feitas sobre uma ou outra obra, em uma ou diversas épocas: o que importa é investigar “como um texto expõe, até mesmo ‘teoriza’, explicitamente ou não, a leitura ou as leituras que fazemos ou podemos fazer; como ele nos deixa livres (ou nos torna livres) ou como ele no reprime”. (CHARLES, 1977, citado por JOUVE, 2002, p. 31). O texto é um papel (hoje pode ser também uma tela); e a leitura, uma relação.

Ao submeter o texto dramaturgicó *Dilatação* à avaliação dos leitores, com o intuito de promover a participação ativa e crítica do público, confirmou-se a importância de valorizar o receptor, o impacto das mediações, a impossibilidade de uma leitura “uniforme”, enquanto processo de busca de sentido e de significação e, sobretudo – o que nos parece mais relevante – a grande oportunidade em termos de diálogo, de alteridade e aprimoramento humano que se cria para os leitores, para a autora e para o próprio texto, quando se empreende uma leitura em voz alta e com alto grau de abertura.

BIBLIOGRAFIA

COMPAGNON, A. O leitor. *In*: COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad.: C. P. B. Mourão e C. F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad.: J. Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. 2v.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad.: S. Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUVE. V. **A leitura**. Trad.: B. Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LOPES, M. I. V. Pesquisas de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 6, p. 41-46, maio/ago. 1996.

LOPES, M. I. V. Recepção dos meios, classes, poder e estrutura. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, n. 23, p. 111-128, jun. 1995.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

PAULINO, R. A. F. **Comunicação e trabalho**: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: A. Garibaldi, 2001.

PELLEGRINI, T. O mercado. A mídia. *In*: PELLEGRINI, T. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas (SP): Mercado das Letras, 1999.

RAMOS, J. A. O leitor de literatura e o leitor dos meios de comunicação. **Revista Comunicarte**, v. 24, n. 30, p. 55-69, 2005.